

Das diferenças formais entre blending x permuta x espalhamento em lapsos de fala

On the formal differences among blending, exchange and spreading in slips of tongue

Felipe da Silva Vital¹ 

Amanda Macedo Balduino² 

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
University of Massachusetts, Department of Linguistics.

² Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística de Estudos da Linguagem (IEL). Campinas, SP, Brasil.
E-mail: felital82@gmail.com
E-mail: amandamb@unicamp.br

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Manuella Carnaval e
Carolina Gomes da Silva

Recebido: 28/04/2025

Aceito: 05/11/2025

Como citar: VITAL, Felipe da Silva; BALDUINO, Amanda Macedo. Das diferenças formais entre blending x permuta x espalhamento em lapsos de fala. *Revista Diadorim*, v.27, n.3, e68138, 2025. DOI: 10.35520/diadorim.2025.v27n3a68138

Resumo

Partindo das concepções de Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993) sobre “lapso de fala”, buscamos formalizar três fenômenos morfofonológicos em lapsos do português brasileiro: blending, permuta e espalhamento. Quanto ao primeiro, blending, trazemos uma alternativa, em termos de análise qualitativa, à análise em Espadaro (2018). Já os dois últimos estão sendo descritos em PB pela primeira vez. Diferentemente dos três autores citados na abertura do resumo, fornecemos abordagens formais distintas para os processos, as quais retiramos do domínio de fenômenos fonológicos em dados típicos e em jogos de linguagem (doravante “ludolínguas”) como forma de sustentar nossa argumentação sobre serem três distintos tipos de lapso, contrariamente ao que defendeu Espadaro (2018). Os dados aqui reunidos contabilizam 76 lapsos de língua, que apresentam (i) duas palavras morfológicas como bases; (ii) relação não concatenativa desse par de palavras e, como materialização dessa não-composicionalidade morfossemântica e (iii) amálgama entre as bases. Temos, como objetivos, portanto, (a) descre-

ver tais fenômenos em lapsos de fala no PB e (b) propor, além de uma taxonomia um pouco diferente, uma formalização para cada um desses três processos morfofonológicos, aqui chamados: *blending*, permuta (estes dois inteiramente baseados na taxonomia de Dell (1986)) e espalhamento (unificando aqui o que Dell (1986) tratou como “antecipação” e “perseveração”). Sobre espalhamento, argumenta-se que esses dois rótulos são apenas direções diferentes do mesmo fenômeno. Até agora, as observações sobre esses fenômenos resultaram nos seguintes achados: (i) *blends* em lapsos de fala do PB são, em sua maioria, do tipo “blend fonológico” (ver Minussi e Nóbrega, 2014); (ii) as permutas nos lapsos de fala no PB são delimitadas pelas bordas e limitadas à extensão de duas sílabas; e (iii) o espalhamento nos lapsos do PB tendem a ser mais “antecipação” do que “perseveração”, como o que Nooteboom (1973) relatou para lapsos do inglês.

Palavras-chave:

Lapsos de fala; *Blending*; Permuta; Espalhamento; Morfofonologia.

Abstract:

Drawing on Fromkin (1973), Dell (1986), and Stemberger (1993) regarding “slip of tongue” (hereafter SL), we present a formal approach to three phenomena in Brazilian Portuguese SL: *blending*, exchange and spreading. On *blending*, we offer an alternative, in terms of qualitative analysis, to that presented in Espadaro (2018). The latter two are being described in Brazilian Portuguese for the first time. Unlike the three authors cited at the beginning of the abstract, we provide distinct formal approaches to the processes, which we borrow from the domain of phonological phenomena in typical data and in language games (hereafter *ludlings*) in order to strengthen our argumentation on three distinct phenomena in slips of tongue, which is contrary to what Espadaro (2018) has proposed for *blends* in Brazilian Portuguese slips of tongue. The data counts 76 slips of the tongue, which present (i) two morphological words as bases, (ii) a non-concatenative relationship of this pair of words and (iii) amalgamation between the bases. The aim is (a) to describe such phenomena in BP slips of tongue and (b) to propose, in addition to a slightly different taxonomy, a formalization for each of these three morphophonological processes, here called: *blending*, exchange (these two entirely based on Dell’s (1986)) and spreading (unifying what Dell (1986) called “anticipation” and “perseveration”). Regarding spreading, it is argued these two labels are just different directions of the same phenomenon. So far, observations on these phenomena have resulted in these findings: (i) *blends* in BP slips of tongue are mostly “phonological blend” type (see Minussi and Nobrega, 2014); (ii) permutations in BP slips of tongue are bounded by boundaries and limited to the length of two syllables, and (iii) spreading in BP slips tends to be more “anticipation” than “perseveration,” as Nooteboom (1973) reported for English SL.

Keywords:

Slips of tongue; Blending; Exchange; Spreading; Morphophonology

Introdução

Este texto se propõe a discutir o estatuto de blends em lapsos de fala em Português Brasileiro (PB) adotado por Espadaro (2018) e Balduino, Freitas e Espadaro (2022). Nossa argumentação busca mostrar que os dados tratados por Espadaro (2018) e Balduino, Freitas e Espadaro (2022) apenas como blending de lapso de fala constituem, na verdade, três fenômenos morfofonológicos diferentes: blending, permuta e espalhamento. De modo a sustentar nossa argumentação, fazemos uso de modelos formais de fenômenos fonológicos em dados típicos de línguas naturais e em jogos de linguagem. A reboque, mostramos que jogos linguísticos e lapsos de fala compartilham mais propriedades do que superficialmente aparentam, sendo ambos balizados em dados/fenômenos típicos em línguas naturais.

Dado que o objetivo do texto é apresentar uma análise formal para os fenômenos linguísticos em lapsos de fala do tipo “fonológico”, não nos ateremos a um debate de natureza psicolinguística sobre tais erros de performance e como ocorrem dentro de algum determinado modelo de processamento linguístico. Todavia, como referencial teórico destinado a este fim, tomamos Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993) como ponto de partida.

Este artigo está organizado do seguinte modo: na seção 2, apresentamos uma discussão geral sobre lapsos de fala, a qual é seguida, na seção 3, sobre uma exposição sobre o fenômeno de blending. Na seção 4, indicamos a metodologia para, na seção 5, trazer a discussão. As considerações finais, antes das referências bibliográficas, estão na seção 6.

Lapsos de Fala

Em 2019, Carlos Tramontina, jornalista brasileiro, durante o Radar SP, da TV Globo São Paulo, que entrou no ar, ao vivo, às 18h e 11 min, produziu um conhecido meme: ‘seis e ônibus’. O meme surgiu de um lapso do apresentador que acabou antecipando, ao dizer a hora, a notícia que daria logo em seguida: “seis e ônibus, ou melhor, seis horas e onze minutos. Os ônibus da capital...” A confusão do jornalista ganhou grande repercussão, sendo hoje um meme conhecido e até mesmo o nome de um quadro do canal no Youtube do próprio Tramontina. Em uma entrevista ao Canal Flow no Youtube, o jornalista comenta o ocorrido:

“Estava eu, à tarde, né? Vestido como apresentador de televisão com a minha camiseta branca impecável, sem o paletó porque era a tarde [...] me preparando para uma das entradas com no-

tícias da tarde na cidade. Aí eu fui pra minha posição, testar o áudio, o vídeo, ok, tô esperando dois, três minutos para entrar, pa pa pa, eu fico olhando no relógio porque sempre para dar aquele tom de atualidade você diz o horário, né? [...] aí tô eu olhando o relógio [...] vai virar pra seis e onze, eu olho aqui, o texto começava com ‘os ônibus’, eu olho aqui na câmera e falo ‘seis e ônibus’.¹

Carlos Tramontina, ao proferir o célebre ‘seis e ônibus’ ao vivo na TV aberta, produz o que chamamos de lapso de fala. Os lapsos de fala podem ser definidos como um ‘deslize’ no discurso, isto é, como um desvio ou erro não intencional da fala que ocorre de maneira inesperada. Em relação ao seu caráter acidental e desviante da intenção comunicativa do falante, não é incomum os lapsos gerarem um efeito jocoso, como foi a situação protagonizada por Carlos Tramontina.

Os lapsos de fala ocorrem em decorrência da falha do processamento linguístico e compreendem níveis e unidades linguísticas distintos, podendo ser divididos em lapsos fonológicos, morfológicos, sintático, lexical e semântico (Cf. Fromkin, 1973; Dell, 1986; Espadaro, 2018). Especificamente, em ‘seis e ônibus’, temos um caso de lapso lexical por antecipação sintática: a palavra ‘ônibus’ é antecipada e produzida no lugar de ‘onze’.

Esse tipo de lapso é apenas uma amostra de um fenômeno amplo e linguisticamente complexo (Cf. Nooteboom, 1969; Fromkin, 1971; Boomer e Laver, 1973; Garrett, 1975; Dell, 1986; Levelt, 1989; Poulisse, 1999; Warker e Dell, 2006; Bencini, 2017; Espadaro, 2018; Syukri, 2018; Alderete, 2019; Balduino et al., 2022, entre outros). Espadaro (2018), ao analisar lapsos em PB, demonstra que, para além de afetarem os níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico, os lapsos podem ativar, simultaneamente, mais de um desses níveis. Para a autora temos exemplos de diferentes tipos de lapsos: morfológico (1.a), frasal (1.b), semântico (1.c) e fonológico (1.d).

(1)

- a. *A rasgola sacou*
- b. *Bonito seu corrente*
- c. *Compra da raça parafuso*
- d. *Viaja a porta*

¹ A VERDADE por trás do ‘SEIS e ÔNIBUS’ (Carlos Tramontina). [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Cortes do Flow [OFICIAL]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FF0dakp-gvrs>. Acesso em: 11 fev. 2025.

O dado (1.a) diz respeito, conforme Espadaro (2018), a um lapso morfológico² por corresponder a uma falha de processamento de uma unidade morfológica, no caso, de raízes. Para a autora, a raiz RASG de rasgar está sendo realizada no lugar reservado para a raiz SAC de sacola – e vice-versa. Já em (1.b) teríamos um lapso frasal em que a palavra *corrente* é produzida no lugar do item alvo *colar*. Nesse caso, Espadaro (2018) indica que as raízes CORRENT e COLAR são selecionadas para derivação sintática, indicando um cruzamento de duas formas alternativas de decodificação de um mesmo enunciado. Nesse sentido, o cruzamento se daria estruturalmente em relação às sentenças potenciais (i) bonito seu colar e (ii) bonita sua corrente, as quais geram (1.b) bonito *seu corrente*, em que o pronome possessivo ‘seu’ é mantido no masculino.

Em (1.c) haveria uma falha semântica, em que *tipo* é substituído pelo item *raça*. Para a autora, lapsos semânticos apresentam relações semânticas entre a raiz-alvo (TIP) e a raiz-intrusa (RAÇ), havendo predomínio de co-hiponímia e de sinonímia não perfeita, como é o caso da ‘tipo’ e ‘raça’: parafuso não é uma raça de macarrão, ainda que, genericamente, *shih tzu* pode ser interpretado um ‘tipo’ de cachorro. A esse respeito, é importante ressaltar que o dado em (1.b) também possuiria um componente semântico na produção do lapso, visto que *corrente* e *colar* são sinônimos, sugerindo a confluência de fatores linguísticos na produção de lapsos de fala.

Por fim (1.d) seria um lapso fonológico em função da proximidade fonológica dos itens *viaja* [vi.'a.ʒɐ] (lapso) e *vigia* [vi.'ʒi.ɐ] (alvo). Ainda de acordo com Espadaro (2018, p. 117), para além de causar efeito desencadeador de lapsos, a semelhança fonológica é um “aspecto facilitador no caso dos erros de substituição envolvendo aspectos semânticos”. Um aspecto que já foi assinalado por Dell (1986).

Contraopondo os dados (1.a) e (1.b) com os dados (1.c) e (1.d), Espadaro (2018) chama atenção para uma classificação distinta entre os dois conjuntos de lapsos: enquanto o primeiro diz respeito à *blends* (de palavra e frasais), o segundo compreende a lapsos de substituição. A autora assume seis classificações distintas de lapsos em português brasileiro: (i) blends de palavras (paradigmático e sintagmáticos); (ii) blends frasais; (iii) substituições semânticas; (iv) substituições fonológicas; (v) lapsos morfológicos e (vi) de traços gramaticais. No quadro 1, apresentamos a classificação de lapsos de Espadaro (2018) com seus respectivos exemplos.

² Discordamos de Espadaro (2018) quanto a isto e nossa argumentação está ao longo do texto, sobretudo no que diz respeito ao que estamos tratando como “permuta”.

Quadro 1. Classificação de lapsos de fala do Português Brasileiro de acordo com Espadaro (2018)

Classificação	Lapso	Alvo
blends de palavras	Tchau amor, boa <i>naula</i>	boa <i>aula</i> / <i>natação</i>
blends frasais	Vamos ser <i>madrinhos</i>	Vamos ser <i>padrinhos</i>
substituições semânticas	Coube tudo no <i>liquidificador</i>	Coube tudo no congelador
substituições fonológicas	Não estou te <i>almoçando</i>	Não estou te <i>amaldiçoando</i>
morfológicos	Tá <i>coisa a feia</i>	Tá <i>feia a coisa</i>
traços gramaticais	Eu <i>alugar</i> um lugar para <i>morei</i>	Eu <i>aluguei</i> um lugar para <i>morar</i>

Fonte: autores com base na classificação e nos dados de Espadaro (2018).

A classificação de lapsos apresentada no Quadro 1 possui alguns pontos de contato com propostas anteriores para o inglês, como as de Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993). Resumimos os principais lapsos apontados pelos trabalhos citados no Quadro 2.

Quadro 2. Classificação de lapsos de fala do Inglês de acordo com Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993)

Classificação	Lapso	Alvo	Tradução
Adição	Some <u>s</u> Weeks	Some Weeks	Algumas semanas
Permuta ³	<u>Y</u> ork <u>L</u> ibrary	Lork Yibrary	Biblioteca York
Antecipação	<u>L</u> eading List	Reading List	Lista de leitura
Perseveração	Blue Blug	Blue Bug	Besouro
Apagamento	Trem <u>e</u> nly	Tremendously	Enormemente
Blend	Tab	Taxi/Cab	Táxi

Fonte: autores baseados em Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993).

Uma diferença entre as classificações de Espadaro (2018) (Cf. Quadro 1) e Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993) (Cf. Quadro 2) diz respeito ao tratamento de blends. Enquanto Espadaro (2018) considera toda amálgama de palavras distintas como um processo de blending, Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993) oferecem uma interpretação distinta, tratando a ‘mistura’ de pa-

³ Em inglês, “exchange” (Dell, 1986, p. 285)

lavras como processos mais específicos como permuta, antecipação e perseveração - fenômenos relatados em diferentes níveis de análise.

Iliovitz (2007, p. 89), também avaliando dados do PB, critica a classificação do Quadro 2, indicando-a como “meramente descritiva”, além de “ampla e genérica, pois avalia os lapsos em função do alvo”. A autora propõe uma outra classificação, considerando lapsos de substituição como *lapsos paradigmáticos*, os quais envolveriam uma conexão metafórica entre o lapso e os seus respectivos alvos que disputam a produção. Já os lapsos que envolvem trocas recíprocas de palavras ou segmentos, entre outros tipos, foram classificados pela autora como *lapsos sintagmáticos*, pois estariam relacionados a ocorrências no eixo metonímico.

Espadaro (2018), também dentro dessa dicotomia paradigmática x sintagmática, assume que os chamados blends paradigmáticos e sintagmáticos têm comportamentos distintos. Enquanto blends de palavras paradigmáticos compõem o resultado da fusão de formas fonológicas de duas raízes, os blends sintagmáticos resultam da fusão de duas palavras adjacentes em um eixo linear e não ocorrem em função da seleção simultânea de duas raízes. Nos casos de blends sintagmáticos, Espadaro (2018) os interpreta como resultados possíveis de uma falha no processamento articulatório que antecipa ou preserva o conteúdo fonológico da palavra adjacente.

O presente artigo discute justamente sobre a classificação dos lapsos em PB, considerando os dados de Espadaro (2018), que foram ampliados nos trabalhos de Balduino, Freitas e Espadaro (2022) e Vital e Balduino (2024). Este artigo busca chamar a atenção para os chamados *blends* por Espadaro (2018), demonstrando que eles são mais bem explicados se considerarmos uma classificação mais próxima a apresentada no Quadro 2 e oferecendo uma análise alternativa para a questão. Distintamente de Iliovitz (2007), ressaltamos a relevância de uma descrição mais detalhada dos lapsos em português, visto que é, justamente, mediante uma análise descritiva, que podemos identificar padrões específicos de lapsos e alimentar, assim, teorias linguísticas de processamento linguístico baseados em dados reais sobre como o processo ‘falha’. Por fim, a descrição sistemática de dados, em diálogo com a classificação de Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993), possibilita a comparação entre diferentes línguas, a qual pode revelar semelhanças e diferenças importantes para entender o funcionamento linguístico de lapsos de fala.

Blending

O blending é um processo de formação de palavras caracterizado pela fusão não-concatenativa de dois vocábulos. Diferentemente dos compostos, que também resultam da junção de duas bases, os blends se destacam por integrarem essas bases de forma interseccional, em vez de encadeá-las: **cão** + **candidato** → **cãodidato** (blend) (exemplo de Villalva e Minussi, 2022). Nessa formação, as palavras combi-

nadas sobrepõem-se, rompendo a linearidade e fazendo com que ambas as bases se fundam ao serem realizadas simultaneamente como partes uma da outra (Araujo, 2000; Gonçalves, 2003).

Como antecipado na seção anterior, os lapsos por blend apresentariam ora preservação ou antecipação do conteúdo fonológico da palavra adjacente (1.a) *A rasgola sacou*, ora cruzamentos ou fusão de formas fonológicas de duas raízes (1.b) *Bonito seu corrente*. A classificação tipológica dos lapsos proposta por Espadaro (2018) considerou quais os elementos morfológicos afetados e a localização da falha dentro da arquitetura da gramática.

Balduino, Freitas e Espadaro (2022), ao revisitarem os dados apresentados por Espadaro (2018) e expandirem o corpus utilizado neste último trabalho, concentram-se na estrutura sonora de blends lexicais ocorridos em lapsos de fala. As autoras oferecem uma análise sob uma perspectiva fonológica, considerando as propriedades formais sonoras segmentais e suprasegmentais dos *blendings* de lapsos (Iliovitz, 2002; 2007). Balduino, Freitas e Espadaro (2022) destacam que, de forma semelhante aos blends neológicos – palavras criadas intencionalmente com fins comunicativos – os blends resultantes de lapsos: (i) exibem uma relação segmental ‘um-para-muitos’, caracterizada pelo compartilhamento de um ou mais traços fonológicos através da sobreposição; (ii) apresentam perda de alguns segmentos; (iii) compartilham estruturas silábicas; e (iv) tendem a preservar a proeminência do lado recursivo, favorecendo o acento à direita (Araujo, 2000; Gonçalves, 2003).

As autoras concluem que a análise dos blends de lapsos, juntamente com o exame de lapsos de substituição de palavras que envolvem aspectos fonológicos ou semânticos, apoia a hipótese de que o processamento da informação fonológica não pode ocorrer no mesmo estágio que o processamento de informações semânticas, visto que são erros de natureza distinta: um lapso como *Um apartamento de três andares* (lapso) —> *Um apartamento de três dormitórios* (alvo) não tem a semelhança fonológica entre os alvos como fator engatilhador, dado que *andares* (lapso) e *dormitórios* (alvo) são bem distintos fonologicamente (Pfau, 2009; Espadaro, 2018). No entanto, Balduino, Freitas e Espadaro (2022) também sugerem que, apesar disso, as semelhanças sonoras podem exercer um impacto significativo na organização e mapeamento das representações mentais (Dell, 1986; Warker e Dell, 2006).

O papel da fonologia é evidenciado, também, por trabalhos como Vital e Gonçalves (2023) para blends lexicais intencionalmente criados. De acordo com esta proposta, há dois subtipos de blends lexicais em decorrência da formação de palavras mediante o processo de cruzamento vocabular: (i) blends ‘fonológicos’ (contando a sílaba como seu domínio) e (ii) ‘morfológicos’ (contando o pé métrico como seu domínio). Os autores argumentam que a relação “um-para-muitos” só ocorre em blends fonológicos, diferenciando-os dos blends morfológicos.

Como resultado disso, seja em relação aos casos em (i), seja em relação aos casos em (ii), a fonologia é essencial e não um epifenômeno (ver Nóbrega e Minussi,

2015 para outra visão). Vital e Gonçalves (2023), entretanto, entendem que, no caso dos blends fonológicos, a “sobreposição de segmentos idênticos” (Nóbrega; Minussi, op. cit, p. 158) é um fator pragmático de sucesso, posição da qual, com base nos achados de Vital e Balduino (2024), neste ponto, há discordância em relação ao presente texto.

Com base em Vital e Gonçalves (2023), Vital e Balduino (2024) investigaram os blends de lapsos e concluem que a similaridade segmental entre as bases envolvidas no blending, em consonância ao papel silábico, está além de ser um fator pragmático de sucesso, como sugerido para blends neológicos. Isso ocorre porque até mesmo em contextos não intencionais a semelhança segmental ou de traços segmentais é evocada. Logo, para blends de lapsos, a semelhança segmental e, além disso, silábica, parece ser ainda mais relevante do que no caso de blends neológicos⁴.

Ainda sobre Vital e Balduino (2024), os autores partem da mesma base de dados de Espadaro (2018) e de Balduino, Freitas e Espadaro (2022), porém apresentam uma classificação distinta sobre o que pode ser entendido como ‘blends de lapsos’, doravante BLs. Conforme os autores, os BLs compreendem uma relação de entranhamento segmental mais radical entre as bases, o que não se evidencia em (1.a) *A rasgola sacou* (as duas bases são mantidas cada uma em seu “slot”), tampouco em (1.b) *Bonito seu corrente* (há apenas uma base envolvida na externalização de modo que não se consegue ativar a possível outra base, colar). Tendo em vista que o objetivo dos autores não era destrinchar essa definição e/ou avaliar os demais casos compreendidos como BLs por Espadaro (2018) e de Balduino, Freitas e Espadaro (2022), essa questão não é averiguada no trabalho em questão.

Diante disso, este estudo busca ampliar a observação realizada por Vital e Balduino (2024), examinando um conjunto de dados composto por 76 dados. Argumentaremos que os chamados BLs por Espadaro (2018) e por Balduino, Freitas e Espadaro (2022) podem ser interpretados como três fenômenos (morfo)fonológicos distintos: blending, espalhamento e permuta, uma classificação que já havia sido sugerida em trabalhos como Fromkin (1973), Dell (1986) e Stemberger (1993) para o inglês, mas ainda não explorada para o PB, visto que Iliovitz (2007)⁵ e Espadaro (2018) trabalham com uma classificação alternativa e têm em vistas teorias analíticas distintas.

Metodologia

O corpus deste artigo foi retirado de Espadaro (2018), Balduino, Freitas e Espadaro (2023) e Vital e Balduino (2024) e é composto por 76 itens resultantes de

⁴ Por BL (blend de lapso), referimo-nos a criações não intencionais, enquanto por BN (blend neológico), falamos sobre criações intencionais. Enquanto poderíamos esperar regularidades de funcionamento em criações intencionais, o que é mais intrigante para os propósitos do texto é criações não intencionais (BLs) estarem sujeitas às mesmas regularidades encontradas em BN's.

⁵ Iliovitz (2007) foca, sobretudo, na estrutura prosódica dos lapsos.

lapsos de fala. Inicialmente foi feita a seleção de 247 lapsos, os quais foram submetidos a exame linguístico de modo a evidenciar os dados que continham cruzamento segmental, isto é, lapsos que apresentassem: (i) duas palavras morfológicas (às quais se faz referência as bases A e B) como alvo sintagmático ou paradigmático, adotando a terminologia de Iliovitz (2007) e Espadaro (2018), e (ii) uma relação de entranhamento segmental entre as bases A e B, como evidenciado pelos exemplos (2), (3) e (4):

- (2) Eu gosto de *shock* (lapso) → Eu gosto de *show de rock* (alvo)
- (3) *Flã* clube (lapso) → *Fã clube* (alvo)
- (4) *Singulino Mascular* (lapso) → Masculino Singular (alvo)

No que diz respeito à relação entre as bases, essa poderia ser sintagmática (figura 1) ou paradigmática (figura 2), ou seja, envolver uma seleção entre palavras adjacentes na sentença, como evidenciado pelos dados (2), (3) e (4), ou envolver uma fusão paradigmática por ocorrer entre duas palavras distintas, em geral, sinônimas, que disputam seu slot na sentença, como (5):

- (5) *Borda* (lapso) → *Bosta ou Merda* (alvo)

Na figura 1, é apresentado um diagrama que evidencia uma relação sintagmática entre as bases A e B.

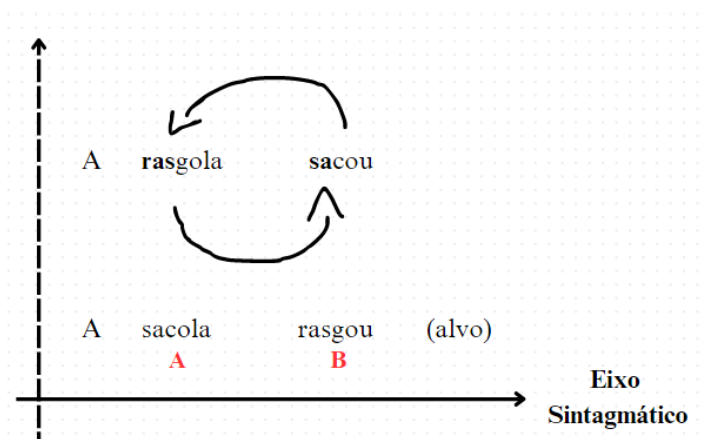


Figura 1. Diagrama que demonstra uma relação sintagmática entre as bases A e B
Fonte: autores

Na figura 1, o lapso *A rasgola sacou* apresenta duas bases envolvidas: *sacola* (A) e *rasgou* (B), as quais estão previstas no eixo sintagmático da sentença. Nesse exemplo, observamos o entranhamento, destacado pelas setas, entre <rasg> e <sa> das bases. Na figura 2, por sua vez, o dado *borda* evidencia a disputa das bases *bosta* (A) e *merda* (B) observada no eixo paradigmático. O resultado gera o entranhamento <bo><rda>.

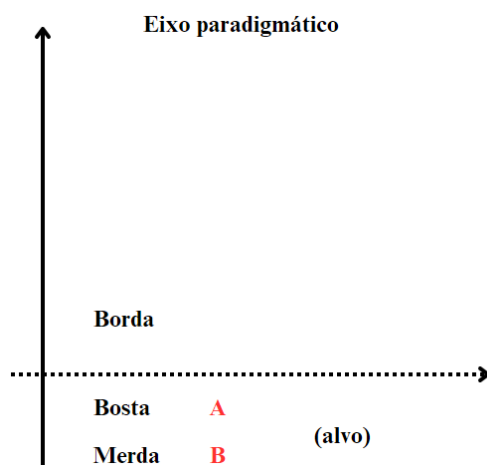


Figura 2.

Fonte: autores

Assumimos que as bases se relacionam de forma sintagmática, enquanto elementos planejados a figurar, ambos, na estrutura de superfície da sentença, de modo a estabelecerem relações morfossintáticas e semânticas em oposição (figura 1); e de forma paradigmática (semântico-cognitiva), no sentido de duas palavras que, semanticamente afins, são passíveis de figurar em uma mesma posição na estrutura de superfície da sentença, gerando um item cognitivamente mesclado (figura 2).

Seguindo a metodologia de Fromkin (1973) e Espadaro (2018), os lapsos de fala aqui contemplados foram coletados em contextos de fala espontânea e natural, sendo registrados durante interações pessoais, transmissões de televisão ao vivo e vídeos publicados na internet entre 2019 e 2024. Em relação a esse método, Iliovitz (2007) ressalta seu caráter controverso. De acordo com a autora, lapsos de fala coletados experimentalmente podem ter sua validade questionada visto que o componente ‘controle’ pode não refletir a produção natural da linguagem, em que os lapsos surgem como um ato inesperado e fruto de uma falha de processamento. Ainda, lapsos anotados em contextos naturalísticos além de enfrentarem uma baixa taxa de ocorrência, suscitam dúvidas acerca de sua confiabilidade e autenticidade como objeto de análise.

Diante desse antagonismo metodológico, é possível considerar, a exemplo de Iliovitz (2007) e Espadaro (2018), que o método naturalístico de coleta reflete melhor os lapsos ocorridos, ainda mais em uma situação como a do PB, em que raros são os corpora e estudos dedicados à questão. A esse respeito, ressaltamos a relevância do trabalho de Espadaro (2018), o qual para além de oferecer uma análise e classificação de lapsos de fala, atua como fonte de dados para que outros estudos possam desdobrar análises a esse respeito. Até o momento, não há registros de dados sobre lapsos experimentais em PB, contudo, destaca-se que trabalhos futuros com esse propósito seriam importantes de modo a contrapor os lapsos de dados naturalísticos com os lapsos produzidos mediante controle. Isso já vem sendo feito

há um bom tempo com outras línguas, como o inglês (Dell, 1986), e, como resultado, tem sido possível testar como diferentes variáveis podem afetar a produção de lapsos. Um exemplo seria a velocidade de fala do falante, a qual tem se revelado importante (Dell, 1986).

Após o levantamento de dados, foi iniciada a análise estrutural, a qual considera os eixos sintagmáticos e paradigmáticos e a relação morfofonológica entre as bases A e B envolvidas. No que tange ao eixo sintagmático, mencionam-se as bases, que, planejadas em termos de alvo linguístico para figurarem ambas na sentença, acabam por sofrer lapso. Quanto ao eixo paradigmático, referimo-nos às bases, que, no momento do planejamento do alvo, podem figurar na mesma posição na estrutura da sentença, também sofrendo lapso.

A partir disso, foi possível identificar três padrões morfofonológicos distintos gerados por lapsos de fala: (i) blending; (ii) espalhamento; e (iii) permuta, os quais são apresentados e desenvolvidos na seção a seguir.

Descrição geral dos resultados⁶

Os lapsos de fala que examinamos foram formados mediante blending (6); espalhamento (7) e permuta (8):

- (6) *Rachorro* (lapso) → tinha um saco enorme *ração de cachorro* (alvo)
- (7) voltou a *chovem de nuvem* (lapso) → voltou a *nuvem de chuva* (alvo)
- (8) Vontade de comer *abará e acarajá* (lapso) → Vontade de comer abará e acarajé (alvo)

De um ponto de vista formal, existem semelhanças fundamentais entre os três fenômenos:

- (i) a presença de duas palavras morfológicas e, portanto, bases A e B;
- (ii) não-concatenatividade dos processos envolvidos;
- (iii) simultaneidade da relação entre os níveis (morfo)fonológicos e, em alguns casos, semânticos;
- (iv) entranhamento segmental entre as bases A e B.

⁶ Um(a) dos(as) pareceristas questionou a utilização de três distintos modelos de formalização de processos fonológicos na descrição a que nos prestamos, dizendo que “o embasamento teórico não parece alinhar propostas passíveis de serem integradas”. Por meios diferentes, ele/ela atingiu o mesmo fim a que nos propusemos: desalinhar, desintegrar, em suma, diferenciar o que Espadaro (2018) e Balduino, Freitas e Espadaro (2022) trataram como um mesmo tipo de fenômeno. Assim, a nosso ver, lançar mão de três modelos de formalização de representações fonológicas vai na direção de argumentar, em termos descritivos, em favor de três fenômenos distintos, portanto assentados sobre diferentes propriedades gerais, mesmo que apresentem semelhanças na superfície. Além disso, consegue-se formalizar as propriedades gerais de “simples” erros de performance nos mesmos moldes que se faz em diferentes tipos de processos fonológicos em línguas naturais, ressaltando as diferentes convergências.

Explorando os pontos (i - iv) acima, vemos que os blends por lapsos apresentam duas palavras (ração) e (cachorro) em (6) e o resultado *rachorro* decorre de uma junção não concatenativa entre A e B, conforme indicado em (10) em transcrição fonética:

- (9)
- a. x a s ẽ ʊ
 - b. c a ʃ o x ʊ
 - c. x a ʃ o x ʊ (blending)

Em (9), a sobreposição e/ou a concatenação que caracterizam o blending pode ser estabelecida conforme o compartilhamento do segmento [a] e dos traços compartilhados entre as fricativas [s] e [ʃ]. Conforme já evidenciado por Balduino, Freitas e Espadaro (2022), para BL cujo ponto de intersecção são consoantes, não é preciso, necessariamente, a concordância de todos os traços: o lapso pode ser produzido com base em apenas um dos traços de raiz ou mesmo somente o ponto de articulação.

A presença de duas bases e a concatenação fonológica é também percebida nos casos de espalhamento (10) e permuta (11).

- (10)
- d. n u v ẽ
 - e. ʃ u v ɐ
 - f. ʃ u v ẽ (espalhamento)

- (11)
- g. a b a r a
 - h. a k a r a ʒ ɛ
 - i. a b a r ɛ (permuta)
 - j. a k a r a ʒ a (permuta)

Em (10), a sobreposição e a semelhança de traços ocorre em relação a [u] e [v], ambos figurando os mesmos constituintes silábicos, núcleo [u] e consoante de ataque [v], em uma sílaba paroxítona. Essa sobreposição parece ser um dos fatores que engatilham ou favorecem o lapso, assim como o fato de haver duas raízes envolvidas. Como resultado e distintamente do blending em (09), em que temos um entranhamento entre segmentos e traços, ocorrendo, em (10), ao considerarmos a ordem sintagmática das bases alvo ‘nuvem de chuva’, parece haver um espalhamen-

to regressivo da vogal [ẽ] da base B (nuvem), a qual entra, intrusamente, no lugar de [ɐ] da base A (chuva). O resultado é *chuvem de nuvem* (lapso).

Em (11), um processo similar ocorre: as semelhanças segmentais (fonema e traços) favorecem a troca entre as últimas vogais [a] (base A ‘abará’) e [ɛ] (base B ‘acarajé’), as quais preservam a tonicidade da sílaba modifica (oxítona), bem como a qualidade da consoante do onset. Nesse caso, o output gerado é *abaré e acarajá* (lapso).

Quer em (10), quer em (11), temos a produção de lapsos compostos por duas palavras: *chuvem de nuvem* (lapso) e *abaré e acarajá* (lapso), enquanto em (09) apenas *rachorro* (lapso) é produzido.

Isso leva à conclusão de que a relação de entranhamento segmental, embora seja observada nos três processos morfofonológicos, é mais “radical” no caso do blending, isto é, diferentemente de permutas e de espalhamentos, no contexto de cruzamentos vocabulares, duas palavras morfológicas, as bases, se tornam uma única palavra morfológica: *ração de cachorro* (alvo) → *Rachorro* (lapso). Em espalhamentos e permutas, duas palavras morfológicas, correspondentes cada qual a uma das bases, resultam em duas palavras morfológicas nos produtos dos respectivos processos: *nuvem de chuva* (alvo) → *chuvem de nuvem* (lapso espalhamento); e *abará e acarajé* (alvo) → *abaré e acarajá* (lapso permuta).

Em relação à relevância do componente semântico, ele revelou-se mais proeminente em blends. Na esteira de Espadaro (2018), foi observado que, para além da adjacência das bases A e B em um eixo sintagmático, a semelhança conceitual em um eixo paradigmático entre as Bases A e B poderia também promover blending: *explicar/explicitar* → *esplicicar* (lapso). No caso de espalhamentos e permutas isso não foi observado.

Por fim, um último aspecto que vale ser mencionado diz respeito ao viés de output (Dell, 1986).

O quadro 3 sintetiza o funcionamento dos três fenômenos evidenciados, descrevendo as alterações observadas entre lapsos e seus respectivos alvos.

Quadro 3. Funcionamento do blending, espalhamento e permuta resultantes de lapsos de fala em PB.

Fenômeno	Lapsos de fala	Alvo
<i>Blending</i>	este restaurante é libio	este restaurante é sírio e libanês
Explicação: fusão entre elementos negritados no alvo, de modo que a ordem sintagmática do alvo não necessariamente corresponde à ordem das bases no blend.		
<i>Espalhamento</i>	vo[ɾ]ta a faze[ɾ]	vo[w]ta a faze[ɾ]
Explicação: espalhamento regressivo de retroflexa [ɾ]: “faze[ɾ]” para “volta” no mapeamento alvo-lapso; replace: [w] → [ɾ].		
<i>Permuta</i>	vou querer com {[pre.s]o} e {[quei.j]un.to}	vou querer com queijo e presunto
Explicação: dentro do limite de duas sílabas, permuta (de A → B E de B → A) de todo material dentro de [...]		

Fonte: autores.

Blending

Em relação ao blending em lapsos de fala, Vital e Balduino (2024) atestaram que, dos dados concernentes a blending (48/76), 95,2% (46/48) são correspondentes ao subtipo “blend fonológico”, constituindo-o como subtipo “ótimo” em contexto de falha de processamento linguístico (Blends de lapso - BL). Por outro lado, menos de 5% (2/48) dos dados coletados correspondem a “blends morfológicos”. Os autores afirmam que blends fonológicos de lapso (BLs) e blends neológicos (BN’s) se materializam pelos mesmos critérios formais, sendo a relação “compartilhamento estatuto silábico/identidade segmental” a força motriz em ambos os casos, como na representação a seguir:

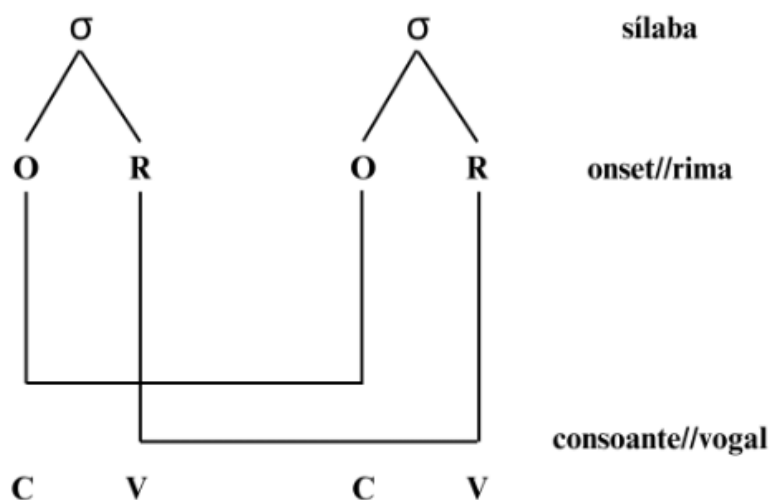


Figura 3.

Fonte: Vital e Balduino (2024)

Como indicado na representação acima, tanto em BN's quanto em BL's se vê o mapeamento dos papéis intrassilábicos (onset/rima) dos elementos envolvidos no ponto-de-fusão dos blends fonológicos, independentemente de haver sobreposição de segmentos idênticos. No caso de BL's, entretanto, a sobreposição de segmentos idênticos é mais relevante do que no caso de blending neológico (Cf. Vital e Balduino, 2024).

Divergindo da proposta de Espadaro (2018), entendemos que BL's constituem um subtipo de lapso fonológico uma vez que, assim como BN's, são produzidos por conta dos mesmos fatores no que tange ao componente fonológico, ou seja, pelo mapeamento de segmentos idênticos/propriedades intrassilábicas. Exemplos de BL's seguem à direita da seta, enquanto à esquerda seguem as bases e os segmentos, negritos/sublinhados, do ponto-de-fusão.

- (12)
- | | | | | |
|---------------------|---|--------------------|---|------------|
| 1. form <u>a</u> do | + | fon <u>o</u> logia | → | formologia |
| 2. <u>m</u> ayara | + | <u>m</u> arcelo | → | maycelo |
| 3. <u>col</u> ônia | + | <u>Hol</u> anda | → | colanda |

Assim, a prevalência de dados em que o produto se dá pelo mapeamento de segmentos idênticos (em consonância com o mapeamento de propriedades intrassilábicas) é um indício a favor de que se entenda, contrariamente a Vital e Gonçalves (2023), que a questão da “sobreposição de segmentos idênticos” não como um mero fator pragmático de sucesso, uma vez que não é coerente falar sobre fator pragmático de sucesso quanto a uma falha produzida de modo não intencional. Para os autores, a semelhança segmental é vista como um fator bastante relevante para a emergência de BL's em PB em comparação a BN's.

Espalhamento

No que diz respeito ao que se entende por “espalhamento”, adota-se sob um mesmo rótulo os padrões de lapso que os autores do Quadro 2 chamam de “antecipação” e “preservação”. Compreendemos esses dois padrões como espalhamento que, por sua vez, pode ser regressivo (antecipação) ou progressivo (perseveração), na medida em que as línguas naturais mostram que espalhamentos/cópias em direções distintas constituem-se a partir dos mesmos princípios. Isso é observado, por exemplo, em fenômenos fonológicos como assimilação de traços e eco-epêntese ou, no domínio morfológico, a reduplicação.

A título de exemplo, podemos observar que reduplicação de direcionalidade esquerda-direita não é fenomenicamente distinta de reduplicação de direcionalidade direita-esquerda⁷. Isto é, o fato de os processos de reduplicação tomarem direcional-

⁷ Exemplo de direcionalidade esquerda-direita: (língua Agta: takki (perna) >> tak-takki (pernas)); Exemplo de direcionalidade direita-esquerda: (Língua Kihehe: mi-do:do (pequeno) >> mi-do:do-do:do (muito pequeno)). Estes dados foram extraídos de Kawahara (2007).

lidades distintas não os torna distintos se compartilham as mesmas propriedades estruturais enquanto fenômeno. Similarmente, no caso de lapsos de fala, entendemos que “antecipação” e “perseveração” são diferentes direcionalidades de um mesmo fenômeno: espalhamento.

Assim, a nosso ver, casos de espalhamento expressam um potencial autosegmental de categorias fonológicas, tal como propõe o modelo de representação em Goldsmith (1976). Nos espalhamentos, a categoria fonológica que atua independentemente é o próprio segmento. A independência se estabelece em termos da estrutura silábica da base-fonte e é materializada pelo deslocamento visualizado na base-alvo (ou seja, a base para a qual o segmento é deslocado). Em relação aos espalhamentos em lapsos de fala em PB, os dados coletados mostram que: (i) são majoritariamente regressivos (antecipação), como em (16.1), (ii) passíveis de acontecer à longa-distância sintagmaticamente (ou seja, envolvendo palavras não adjacentes) e (iii) acontece sem substituição (**1** abaixo) ou com substituição (**2** abaixo) na palavra-alvo do espalhamento.

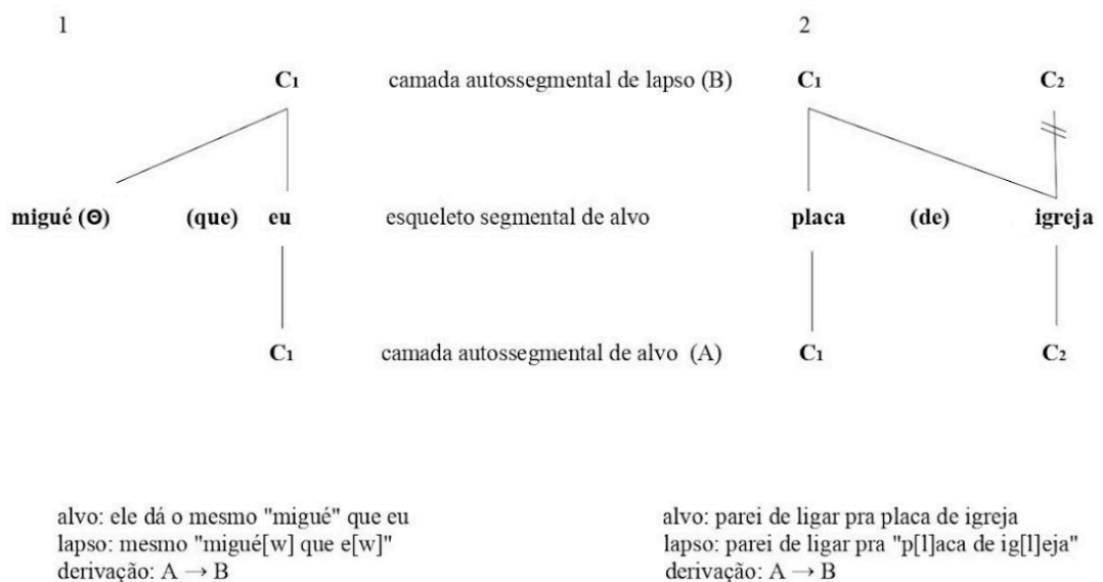


Figura 4.

Fonte: autores

Permuta

No que tange à permuta, chamada de *exchange* por Dell (1986, p. 285), a coleta de dados de lapsos de fala em PB mostrou que (i) o fenômeno privilegia as bordas de palavra, no sentido de as bordas serem o “locus” mapeado no intercâmbio de substância sonora; (ii) a extensão de duas sílabas adjacentes, considerando o ponto em (i), é uma extensão sintagmática relevante; e (iii) pode ou ser influenciado por semelhança fonológica entre as bases, como se vê nos dados em (13):

(13)	alvo	→	lapso
	[masc]ulino [sing]ular	→	[sing]ulino [masc]ular
	de [fom]e eu não [morr]o	→	de [morr]e eu não [fom]o
	não posso correr senão a to[sse] ata[ca]	→	to[que] ata[ssa]
	[r]aíra e [n]aiara	→	[n]aíra e [r]aiara

Permutas em lapsos de fala assemelham-se a um subtipo de transposição em jogos linguísticos que Nevins (2010), retomando Bagemihl (1989)⁸, cunhou como *Doppell*. Seguindo Bagemihl (1996), jogos linguísticos subdividem-se em quatro padrões: (a) transposição, (b) infixação, (c) substituição, (d) molde. Exemplos de jogos linguísticos de transposição mais conhecidos são o *Verlan*, que tem o francês como língua-fonte, e a *Gualin do TTK*, que tem o português brasileiro como base (Cf. Guimarães e Nevins, 2013). Este padrão se caracteriza pela inversão de sílabas (ou partes de sílabas) de uma palavra base. Por exemplo, no TTK, “língua (($\sigma 1.\sigma 2$) → ($\sigma 2.\sigma 1$)) gualín”, em que a última sílaba [gwa] $\sigma 2$ assume a primeira posição silábica da palavra criada e a primeira sílaba [lĩ] $\sigma 1$ vai para a última posição.

As transposições em jogos linguísticos desse padrão, além do subtipo “inversão total” ($\sigma 1.\sigma 2 \rightarrow \sigma 2.\sigma 1$), como vimos no exemplo acima, apresentam (a) variação no que tange à inversão (total (18.i) vs não-total (18.ii)) e (b) transposição envolvendo palavras adjacentes. Este ponto em (b) corresponde ao que Nevins (2010) cunhou por *Doppel*, como se vê em (18) (Nevins, 2010, p. 223).

(14) Repertório de operações permitidas em transposições (traduzido diretamente de Nevins (2010, p. 223))

i. Inversão total

ii. Operações de transposição limitadas a x e $f(x)$

Em que x pode ser **PRIMEIRO** ou **ÚLTIMO**;

Em que $f(x)$ pode ser compreendido como:

⁸ Bagemihl (1989) cunha esse subtipo de transposição em jogos linguísticos como *exchange*, mesmo rótulo escolhido por Dell (1986) para o caso de trocas no contexto de lapsos de fala. Ainda no contexto dos lapsos, Nooteboom (1973) chama este padrão de falha de *transposition*, o mesmo rótulo que Bagemihl (1989) escolhe para esse padrão de jogo de linguagem. A correlação semântica da nomenclatura escolhida pelos autores sugere a proximidade estrutural entre estes fenômenos, um em lapsos e o outro em jogos de linguagem. Isto mostra como criações linguísticas “desviantes” conscientes (jogos de linguagem) e inconscientes (lapsos de fala) podem compartilhar de propriedades estruturais, estando mais funcionalmente próximas do que se imagina. Dizemos aqui que jogos de linguagem e lapsos constituem dois polos equidistantes que têm como centro prototípico fenômenos/dados típicos de línguas naturais.

de processamento de alguma língua natural que emergem não-intencionalmente, jogos linguísticos (ludolínguas) resultam de transformações em línguas naturais intencionalmente ocasionadas. A bem da verdade, este ponto explica as distinções formais que diferenciam, no âmbito da superfície dos dados, permutas em lapsos, de um lado, e transposições do tipo *Doppel* em jogos linguísticos, de outro lado.

Em face dos dados: a perspectiva analítica e um esboço geral de formalização

Distinguimos neste trabalho os fenômenos em lapsos de fala em dois níveis: 1º nível: blending vs permuta/espalhamento; e 2º nível: permuta vs espalhamento. No que tange ao 1º nível de distinção, assumimos que, por **Mw** (*morphological word* “palavra morfológica”), equacionamos a relação isomórfica entre 1 palavra morfológica e 1 palavra fonológica para cada uma das bases envolvidas. Assim, em termos mais precisos, tomamos **Mw** como formato mínimo de base e argumentamos que o input, tanto de blending quanto de permuta e espalhamento, consiste em **2 Mw**, ocupando cada qual um lugar na estrutura sintagmática e/ou semântico-cognitiva, isto é, na perspectiva paradigmática.

Portanto, em relação ao 1º nível de distinção, a diferença entre os dois tipos de processos (i.e. blending vs permuta e espalhamento) reside no output. Enquanto, no caso do blending, o output consiste em **1 Mw**, em casos de permuta ou espalhamento, o output consiste em **2 Mw**.

Dado que cada par de [...] corresponde a uma das bases (_A e _B) e que cada par de {...} corresponde a um lugar (₁ e ₂) na estrutura sintagmática (dois primeiros dados) e/ou semântico-cognitiva (último dado), teríamos:

(16)	Input (alvo)	→	Output (lapso)
espalh.	{{p <u>l</u> aca} _A } ₁ de {{ig <u>l</u> eja} _B } ₂	→	{{p <u>l</u> aca} _A } ₁ de {{ig <u>l</u> eja} _B } ₂
permuta	{{abar <u>á</u> } _A } ₁ e {{acaraj <u>é</u> } _B } ₂	→	{abar[<u>é</u>] _B } ₁ e {acaraj[<u>á</u>] _A } ₂
blend	{{possibilidade} _A } ₁ {{linguagem} _B } ₂	→	{{possibil <u>linguagem</u> } _{AB} } ₁₂

Como se vê, no contexto de espalhamento ou permuta, há 2 pares de {...} tanto no input quanto no output, ou seja, há dois lugares na estrutura sintagmática e/ou semântico-cognitiva, enquanto nos casos de blending há 2 pares de {...} no input que se tornam apenas 1 par de {...} no output.

A questão de ambos os pares de {...}, relativos aos dois slots no eixo sintagmático ou paradigmático (semântico-cognitivo), quanto os pares de [...], relativos às bases envolvidas no lapso, se tornaram apenas um par de {...} e [...] no output apenas dos blends traduz que o estranhamento segmental é mais forte no caso do blending em comparação aos outros dois fenômenos listados em (figura 3), como descrevemos na seção anterior.

De um ponto de vista empírico, entendemos que um primeiro caso especial a ser excluído como pertencente ao blending são aqueles em contexto sintagmático “[palavra lexical] + [preposição/conjunção] + [palavra lexical]”, nos quais o lapso ocorre entre as palavras lexicais, como “nota de rodapé → roda de notapé” (permuta); ou “chuva de nuvem → chuem de nuvem (espalhamento)”.

Nestes contextos sintagmáticos, a presença de uma preposição/conjunção no output (no lapso) intermediando a relação entre os elementos lexicais inviabiliza uma interpretação destes processos em lapsos como blending (uma vez que propriamente não há fusão no sentido dicionarizado, onde: “2 (ou mais) viram 1”). Logo, ainda que o processo formador de casos de espelhamento (progressivo e regressivo) e de permuta não sejam fenômenos morfológicos concatenativos lineares, eles tampouco correspondem à fusão.

Um segundo caso a ser excluído como blending são aqueles nos quais há uma semelhança/similaridade segmental entre (a) os segmentos que são trocados mutuamente entre as bases A e B, como “mascullino singullar → singullino mascullar”; ou entre (b) o segmento espalhado (entre [...]) da palavra-remetente A e o segmento, na palavra-destino B, quando há “replacement” (em “plural → plurar” a seguir, há: < l > → < r >) após este espalhamento, como em “singul[a<r>] ou plura<l> → singular ou plurar”. Neste segundo caso, trata-se de permuta ou espalhamento **segmentalmente-espelhados (ou “em espelho”)**, ou seja, quando estes fenômenos são teleguiados pela semelhança/similaridade segmental entre as bases envolvidas nestes fenômenos nos casos de lapsos de fala, como será demonstrado abaixo).

Em relação ao 2º nível de distinção, “permuta vs espalhamento”, partindo de duas bases A e B, a distinção entre os fenômenos fica por conta da relação entre as bases (se unidirecional ou se bidirecional). Por envolver trocas, no caso das permutas, as bases compartilham, mutuamente, partes entre si, de modo que estas bases estabelecem uma relação **bidirecional**. No caso dos espalhamentos, apenas uma das bases envia material para outra, de modo que se estabelece uma relação **unidirecional**, que acontece por perseveração ou antecipação (Dell, 1986), como sintetizado em (17) abaixo:

- (17) permuta: [A → B] **E** [B → A];
 espalhamento: [A → B] **OU** [B → A])

Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos uma análise de dados de lapsos de fala (LdF) a partir dos quais, na contramão de Espadaro (2018) e Balduino, Freitas e Espadaro (2022), evidenciamos três fenômenos (morfo)fonológicos: **(I)** blending, **(II)** espalhamento e **(III)** permuta. Com base na análise de 76 dados, coletados de forma naturalística (C.f Balduino *et al* (2022), Vital e Balduino (2024), Espadaro

(2018)), para além da categorização aqui apresentada, propomos uma formalização destes três fenômenos observados em lapsos de fala. No que diz respeito ao **blending**, partimos de Vital e Gonçalves (2023) ao examinar o papel da sílaba e do pé métrico nos cruzamentos vocabulares em PB (ou seja, em BN's). Quanto aos dois últimos fenômenos, **espalhamento** e **permuta**, recorre-se a, respectivamente, na representação autosegmental em Goldsmith (1976) e na análise de jogos de linguagem em Nevins (2010).

Quanto aos primeiros resultados, sobre blending, os dados mostram que são majoritariamente “blends fonológicos”: (i) fazem referência ao estatuto silábico dos segmentos envolvidos na fusão e (ii) o fazem, predominantemente, em consonância à “sobreposição de segmentos idênticos”. Em geral, notamos a prevalência de dados em que o produto resulta do mapeamento de segmentos idênticos em confluência com o mapeamento de propriedades intrassilábicas, conforme sugerido por Vital e Balduino (2024). É possível compreender esse fato como um indício de que, ao contrário do que sugere Vital e Gonçalves (2023), é necessário entender a sobreposição de segmentos (ou traços) idênticos não apenas como um fator pragmático de sucesso, mas como um fator importante na emergência de BL's em PB, em comparação com BN's.

Já o espalhamento: (i) é, em grande parte das vezes, regressivo; (ii) é passível de acontecer à longa-distância em um eixo sintagmático e (iii) acontece com/sem substituição na palavra-destino do espalhamento. Em geral, os lapsos compreendidos como espalhamento abrangem os padrões de antecipação e preservação segmental, os quais podem ser regressivos (antecipação) ou progressivos (preservação), respectivamente. Esses padrões seguem os mesmos princípios observados em fenômenos fonológicos como assimilação e eco-epêntese, ou morfológicos, como a duplicação (Kawahara, 2007). Acredita-se, desse modo, que o espalhamento reflete um potencial autosegmental das categorias fonológicas, conforme o modelo de Goldsmith (1976) para dados típicos em línguas naturais. No caso de lapsos de fala em PB, vimos que o próprio segmento é a categoria independente.

Por fim, sobre permuta: (i) o fenômeno privilegia as bordas de palavra, no sentido de as bordas serem o locus mapeado no intercâmbio de substâncias sonoras, (ii) a extensão de duas sílabas adjacentes, considerando o ponto em (i), é um domínio sintagmático linear relevante e (iii) este tipo de lapso se assemelha ao padrão Doppel de inversão em jogos de linguagem. Esta semelhança estrutural decisiva entre lapsos de fala e jogos linguísticos (ver Nevins, 2010) constitui-se como um argumento potencial para conceber ambos os fenômenos como polos equidistantes em relação a um centro “prototípico”, representado pelas línguas naturais. Nesse sentido, enquanto lapsos são falhas no processamento de uma língua natural e surgem de forma não-intencional, os jogos linguísticos envolvem transformações intencionais nas línguas naturais, nas quais o falante se vale da própria consciência fonológica. De fato, esse ponto esclarece as distinções formais que separam, na

superfície dos dados, as permutas de lapsos das transposições do tipo Doppel presentes nos jogos linguísticos (Nevins, 2010).

De um ponto de vista formal, conclui-se que existem semelhanças fundamentais entre os três fenômenos como (i) a presença de duas palavras morfológicas e, portanto, duas bases (referidas como bases A e B); (ii) não-concatenatividade dos processos (morfo)fonológicos envolvidos; e, por fim, (iii) a relação de “entranhamento segmental” entre as bases A e B.

Referências

A VERDADE por trás do ‘SEIS e ÔNIBUS’ (Carlos Tramontina). 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Cortes do Flow [OFICIAL]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FF0dakpgvrs>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ALDERETE, J. Speech errors and phonological patterns: Insights from psycholinguistic and linguistic theory. *Phonological Studies*, v. 23, p. 77-20, 2019. Disponível em: https://www.sfu.ca/~alderete/pubs/alderete2020_SpeechErrorsPatternsPrepress.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

ARAUJO, G. Morfologia não-concatenativa em português: os portmeanteux. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas. v. 39, p. 5-21, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v39i0.8636935>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BAGEMIHL, B. Language Games and Related Areas. In: GOLDSMITH, J. A. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell Publishing, 1996.

BAGEMIHL, B. The crossing constraint and “backwards languages.” *Natural Language & Linguistic Theory* 7(4). 481–549. 1989

BALDUINO, A. M.; FREITAS, S.; ESPADARO, M. Aspectos fonológicos dos lapsos de fala: uma análise do processo morfofonológico de blending. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022009, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8666588>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BENCINI, G. Speech errors as a window on language and thought: A cognitive science perspective. *Altre Modernità*, p. 243-262, 2017. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/8316>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BOOMER, D.; LAVER, J. M. Slips of the tongue. In: FROMKIN, V. A. (org.). *Speech Errors as Linguistic Evidence*. The Hague: Mouton, 1973, p. 243-262.

DELL, G. A spreading activation theory of retrieval in sentence production. *Psychological Review*, v. 93, p. 283-321, 1986.

ESPADARO, M. *Os lapsos de fala em Português Brasileiro sob a perspectiva da morfologia distribuída*. São Paulo: USP, 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2018.

FROMKIN, V. A. et al. The non-anomalous nature of anomalous utterances. *Language*, v. 47, n. 1, p. 27-52, 1971.

- GARRETT, M. F. The analysis of sentence production. *Psychology of learning and motivation*, v. 9, 1975.
- GUIMARÃES, M.; NEVINS, A.. PROBING THE REPRESENTATION OF NASAL VOWELS IN BRAZILIAN PORTUGUESE WITH LANGUAGE GAMES. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, 2013. DOI: 10.22456/2238-8915.38298. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38298>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- GOLDSMITH, J. O. H. N. *Autosegmental phonology*. Indiana: Indiana University, 1976.
- GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento Vocabular em Português: A questão das fronteiras com outros processos de criação de palavras. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2003. [S. l.: s. n.], 2003. p. 824-831.
- ILIOVITZ, E. Aspectos Prosódicos da Disartria. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO - GEL, 2002, São Paulo. São Paulo: GEL, 2002.
- _____. Fronteiras Linguísticas dos Lapsos da Língua. *Letras & Letras*. v. 23, n. 2, p. 81-110, jul./dez. 2007.
- KAWAHARA, S. Copying and spreading in phonological theory: Evidence from echo epenthesis. *UMOP*, v. 32, p. 111-144, 2007.
- LEVELT, W. J. M. *Speaking: From intention to articulation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.
- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, v. 18, n. 1, p. 161-84, 2014.
- NEVINS, A. Two case studies in phonological universals: A view from artificial grammars. *Biolinguistics*, v. 4, n. 2-3, p. 218-233, 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=Two+Case+Studies+in+Phonological+Universals&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart. Acesso em: 10 fev. 2024.
- NOOTEBOOM, S. G. The tongue slips into patterns. In: FROMKIN, V. A. (org.). *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, 1973, p. 144-156.
- NOOTEBOOM, S. The tongue slips into patterns. In: SCJARONE, A. G; VAN ESSEN, A.J; VAN RAAD, A. A. (Orgs.). *Nomen:Leyden studies in linguistics and phonetics*. [S. l.]: Mouton, 1969.p. 114-132
- PFAU, R. *Grammar as Processor: A Distributed Morphology account of spontaneous speech errors*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- POULISSE, N. *Slips of the tongue: Speech errors in first and second language production*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1999.
- STEMBERGER, J. P. Syntactic errors in speech. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 11, p. 313-345, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF01067585>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SYUKRI, M. A. Slips of the Tongue Produced by Indonesian Children in Casual Conversation. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGE PHENOMENA IN MULTIMODAL COMMUNICATION (KLUA 2018), 2018. [S. l.]: Atlantis Press, 2018. p. 321-326. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/klua-18/25900124>. Acesso em: 24 jul. 2024.

VILLALVA, A.; MINUSSI, R. D. Description and analysis of a Portuguese blend corpus. *Corpus*, n. 23, 2022.

VITAL, F. S.; BALDUINO, A. M. Revisitando a estrutura dos blends lexicais de lapsos de fala (BL). *Organon*, Porto Alegre, v. 39, n. 78, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/141441>. Acesso em: 11 fev. 2025.

_____; GONÇALVES, C. A. A crucialidade da fonologia: um outro olhar sobre blends lexicais no português brasileiro. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 120-140, maio-ago., 2023.

WARKER, J. A.; DELL, G. S. Speech errors reflect newly learned phonotactic constraints. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 32, n. 2, p. 387, 2006.

Declaração de disponibilidade de acesso a dados

Ilustrações para download:

Contribuições dos Autores / ou Declaração de Autoria

Os autores participaram igualmente na construção do texto. A ordem de autoria expressa critérios decididos por ambos os autores.

Conflito de interesse

Não há qualquer conflito de interesses quanto à publicação deste artigo por parte de qualquer um dos autores.

Financiamento

A pesquisa que culminou no artigo escrito não foi financiada.